Presença de Ildefonso Albano

Manoel Albano Amora

Alto, moreno, de farto bigode, porte airoso, simpático. Uma figura impressionante.

Vi-o, fisicamente, como um homem belo e varonil. E depois viria a saber que, espiritualmente, ele era alguém que amava a Deus sobre todas as coisas e a Pátria abaixo de Deus. Chamava-se Ildefonso Albano

Tornei-me, ainda infante, amigo e admirador do cavalheiro em questão A vida repetia o que ocorrera com ele próprio, amigo que fora, nos verdes anos, do meu tio Vicente Albano.

Não sei se valerá a pena recordar a pessoa de Ildefonso Albano neste século de imposturas. Mas ele recebeu, no exercício das suas funções públicas e depois, os qualificativos de impoluto, incorruptível e caráter sem jaça.

Esse ilustre cidadão também foi vítima de acerbos ataques inseridos em dois órgãos de imprensa de Fortaleza Quais foram os jornais? Lembro-me agora de Capistrano de Abreu, na introdução ao livro *Crítica e Literatura,* de Rocha Lima: "Um jornal houve... É melhor não falar nesse jornal".

Ildefonso Albano era fortalezense, aqui nascido em 12 de fevereiro de 1885, filho de um casal católico e austero.

Educado em colégios da Grã-Bretanha e da Áustria, voltou para a cidade natal, onde passou a exercer a profissão de comerciante, na Casa Albano, de Albano & Irmão, fundada pelo seu avô, José

Francisco da Silva Albano, e o irmão deste, Manoel Francisco da Silva Albano.

Tempos depois, era nomeado Intendente municipal, cargo que desempenharia mais de uma vez, da segunda com a denominação de prefeito.

No decorrer da sua existência, exerceu os mandatos de deputado federal, prefeito, vice-presidente do Estado e presidente do Estado, os cargos de diretor do Departamento Nacional da Indústria e de Comércio e de professor do Colégio Pedro II, as funções de adido comercial do Brasil em Cuba e de presidente do Conselho Nacional do Trabalho e as comissões de delegado do governo cearense em Washington e do Ministro do Trabalho na África do Sul.

Foi Ildefonso um prefeito dinâmico e inovador, um deputado atuante, um presidente de invulgar operosidade. Aliás, em todas essas posições eminentes deixou os sinais da sua passagem. Muito trabalhou, e nunca se beneficiou com o que era de propriedade do erário nem permitiu qualquer deslize, nesse tocante, dos seus subordinados. Se o mano José d'Abreu Albano fora chamado, certa vez, de guarda civil da língua portuguesa, ele mereceria ser considerado, na sua época, *gendarme* dos dinheiros públicos.

Existem edifícios, avenidas, jardins e pontes construídos nas suas administrações, que os usuários ignoram quem os mandou fazer, porque o tempo destrói a memória dos fatos. Pouca gente sabe, por exemplo, que foi Ildefonso o prefeito que determinou o uso do meio fio de pedra nas calçadas e a arborização com *ficus benjamin* na nossa cidade. Nem que foi Ildefonso o presidente que ordenou a aposição do retrato de José de Alencar nos estabelecimentos escolares, primários e secundários estaduais.

Pertencia Ildefonso ao conjunto familial que o erudito Francisco Alves de Andrade intitulou de Clã da Aratanha, integrado pelas estirpes Costa dos Anjos, Costa e Silva, Gaspar de Oliveira, Samico. Theophilo, Justa, Galeno, Solon e Amora. Elas haviam, nos tempos coloniais, trabalhado a terra, em Aracati, Aquirás, Arronches e Aratanha.

Num dos ramos da família Albano, a Europa, como centro cultural do mundo, tinha influência marcante. A Inglaterra e a França estavam sempre presentes, no convívio, nas conversas. O poeta José

Albano, "um quinhentista do século XX", no dizer de Clóvis Monteiro, só fez vibrar a sua lira de ouro pelo Brasil para lhe dar o título de "Pátria da Eterna Primavera". Mas, no mencionado clã, havia duas vozes telúricas, as de Juvenal Galeno e Rodolpho Theophilo, autenticamente nacionais.

Eleito deputado federal, proferiu Ildefonso vibrantes discursos de defesa da sua região periodicamente flagelada pelas secas, reunidas em livro, *O Secular Problema do Nordeste.*

Quando Monteiro Lobato criou o personagem Jeca Tatu, fraco e inerte homem do campo, ele opôs-lhe o Mané Chique-Chique, rurícola forte e destemido, símbolo do nordestino. Levado à literatura somente para emitir idéias sãs e patrióticas, o escritor Ildefonso Albano, com o seu *Jeca Tatu* e *Mané Chique-Chique,* fugindo de quaisquer estrangeirismos, demonstrava ter gravado na mente os versos do "Cajueiro Pequenino" do tio Juvenal e as páginas de *Maria Rita* do primo Rodolpho. As raízes das plantas situadas na terra mártir e irredenta do Ceará como que haviam subido ao seu coração.

E assim continuou, muito brasileiro, publicando *A Pecuária no Ceará, A Cultura do Algodão no Ceará* e *Brazil Reader,* um livro de ensino do idioma inglês, cujos textos de leitura são alusivos à carnaúba, à jangada e à abolição da escravatura. Sem dúvida, ao gosto antigo de Antônio Girão Barroso, a arte pela vida, e não a arte pela arte.

À frente do governo, lançou um manifesto aos agricultores, concitando-os a que plantassem algodão e fundou, no palácio, a Sociedade Cearense de Agricultura.

A paixão pelos assuntos culturais vinha de longe, desde quando, deputado, copiou na Biblioteca Nacional documentos sobre a estada de Gonçalves Dias, como membro da Comissão Científica de Exploração, na ex-província, oferecendo-os ao Instituto do Ceará, agremiação de que veio a se tornar sócio correspondente. Ocupou depois uma poltrona no Centro D. Vital e outra na Sociedade Capistrano de Abreu, do então Distrito Federal, e colaborou no jornal *A Cruz.*

Críticas contundentes lhe foram feitas após a assinatura de um comentado empréstimo contraído nos Estados Unidos, quando é certo que, sendo então vice-presidente e mandatário do presidente do

Estado, o teor do contrato havia sido previamente aprovado. Mas, acusado, defendeu-se, com a publicação de *O Empréstimo Americano.*

Destemeroso, deu disso provas convincentes. Na primeira intervenção federal no Estado foi preso, quando ia abrir o prédio da Câmara Municipal. Recolhido ao quartel da guarnição do Exército, recebeu ameaça de morte do oficial que o detivera. Desafiou-o então, a que o matasse, a um homem preso e desarmado. Em outra ocasião, no Rio de Janeiro, reagiu à altura a um seu ofensor, não sendo a repulsa excessiva, considerada que foi, judicialmente, de legítima defesa da honra. Se João Nogueira, o ameno historiador de *Fortaleza Velha,* o houvesse conhecido de perto, certamente teria dito, como o fazia ao referir-se aos bravos, que ele era valente como as armas.

Um grande atestado de sobranceria como que se houve Ildefonso no exercício da alta magistratura estadual é o referente à agressão sofrida por um dos seus mais ferrenhos adversários, que militava num periódico da oposição. Esse atentado ocorreu à saída de um cinema, em noite de domingo, executado por policiais. Na manhã de segunda-feira, logo cedo, o delegado de polícia, negligente ou conivente, era demitido.

Entregando o poder ao sucessor, Ildefonso encontrou a Casa Albano em difícil situação financeira. Por outro lado, sem força política, não merecera ele figurar na chapa para a representação na Câmara baixa do país. Então, como viver? Estava pobre, mas, sendo moço e vigoroso, podia trabalhar. Viajou para o Rio. Lá, empregou-se como caixeiro de balcão, num estabelecimento comercial de cearenses, com o ordenado mensal de seiscentos mil réis, elevado no mês seguinte par oitocentos mil réis, a fim de que passasse exclusivamente a se ocupar do ofício de guarda-livros. Desse emprego saiu para Havana, na qualidade de adido comercial e, em seguida, retornando ao Brasil, teve outros postos, na administração e no magistério.

Um ex-presidente de Estado caixeiro de balcão. Que conclusão a tirar desse fato histórico? Decerto, um caso para a admiração de Rui Barbosa, o moralista mais excelso da nação.

Chegado à velhice, surpreendeu a Ildefonso, em certo dia, a

desesperança. Morrera a esposa, Alfa, com quem havia desfrutado os melhores momentos da vida, num constante idílio. Alfa Rabelo Albano, filho, neto e mulher do presidente do Estado, filha de Franco Rabelo, neta de Clarindo de Queiroz e mulher de Ildefonso Albano, era culta e gentilíssima e nobre senhora. Então, novamente, como viver, como, sem a sua "pobre querida"?

Na caminhada final, teve ainda ânimo para escrever *A U.R.S.S. do Deão,* algumas fábulas, e lançar um manifesto como candidato a deputado federal pelo Partido Democrata Cristão. Políticos idealistas lembravam-se, à última hora, do conterrâneo com grandes serviços prestados à gleba comum, num gesto quase simbólico, porque destituído de qualquer possibilidade de êxito.

Doente, necessitado de submeter-se a uma cirurgia difícil, não quis dar preocupações aos filhos. Despediu-se deles, dizendo que ia passar uns dias em Teresópolis. Ao voltar, operado, revelou-lhes o real motivo da ausência.

Era comovedor vê-lo, depois, no leito ou em uma cadeira de rodas, com um terço nas mãos, sempre em oração.

No dia em que fez a viagem definitiva, 22 de dezembro de 1956, pude evocar as palavras de Machado de Assis a propósito da morte de um grande poeta: "Há tempos, despediu-se deste mundo um dos seus atenienses: Francisco Otaviano".

Volvidos os anos, escrevo sem rebuços: há tempos, despediu-se deste mundo um dos seus espartanos: Ildefonso Albano.